

O COTIDIANO DA HISTÓRIA



EDIÇÃO  
REFORMULADA  
E AMPLIADA

# No tempo do feudalismo

*Heloisa Steinmann*

*Psicóloga e escritora*

*Maria José Acedo del Olmo*

*Historiadora e professora universitária*

*Ilustrações*

*Líbero*

**ea**  
editora ática

# Apresentação

A Idade Média estendeu-se dos séculos V ao XV, época em que a sociedade da Europa ocidental experimentou profundas transformações. Se antes do período medieval as cidades eram o ideal de vida das pessoas, a partir século III, quando tiveram início as invasões bárbaras – que acentuaram a derrocada do Império Romano –, a população começou a abandonar a área urbana e passou a procurar refúgio nos campos. Ali, acabaram sendo estabelecidas novas relações de poder que deram origem ao feudalismo, um sistema social, político e econômico que predominou na Europa ocidental por mais de seis séculos.

Uma das principais características do feudalismo era a existência de uma sociedade organizada de forma que os indivíduos se encontravam subordinados uns aos outros por laços de dependência pessoal. Os servos ocupavam a camada mais baixa da pirâmide social. Eles trabalhavam nas terras dos senhores feudais e deviam pagar-lhes uma série de impostos e obrigações em troca de proteção. O senhor feudal mais poderoso era o rei, porém, acima dele, encontrava-se o poder de Deus, representado pelo papa e o alto clero da Igreja católica. Assim, a Igreja acabou se tornando a instituição mais poderosa do período, e os valores cristãos foram largamente difundidos em toda a Europa ocidental e influenciaram toda a produção intelectual e artística da época.

A história que você vai ler agora passa-se nesse ambiente característico da Idade Média. De um lado, temos a vida luxuosa de um senhor feudal, o marquês Plessis de la Tremille, e do outro, o duro cotidiano dos camponeses que viviam em suas terras e eram obrigados a arcar com pesados impostos. Nesse ambiente de grande desigualdade social, dois amigos de infância – Pierre e Bernard – trilharam caminhos distintos em busca da realização de seus sonhos.

# Sumário

## *No tempo do feudalismo*

---

- 4** *Sentimento da infância*
- 8** *A feira*
- 12** *A Taberna do Galo Atrevido*
- 15** *A revolta dos forcados*
- 18** *Um tempo para ouvir histórias*
- 22** *Toulouse*
- 24** *Grande medo e maior coragem*
- 27** *O futuro dura muito tempo*



## *Uma visão da História*

---

- 29** *Introdução*
- 31** *As origens da sociedade feudal*
- 31** *Os “bárbaros” ou germanos*
- 32** *A sociedade se transforma*
- 37** *Os caminhos da mudança*
- 40** *Cronologia*



# 1

## Sentimento da infância

Pierre ouviu as badaladas do sino do mosteiro próximo. Ainda estava escuro, mas a mãe já avivava as brasas e tocava as galinhas para fora, no outro extremo da grande sala. A casa era como todas as outras da região: apenas um grande cômodo com divisões para os leitos, a cozinha e um cheiro forte de estrume a invadir permanentemente o aposento úmido.

A cabra começou a balir, esperando para ser ordenhada. Pierre se encolheu um pouco mais entre as cobertas e passou o pé por um dos muitos furos existentes, mexendo os dedos para fazer rir os três irmãos menores que dividiam com ele a cama de palha.

– Meninos, levantem! – apressou a mãe, enquanto preparava a refeição matinal. E novamente: – Pierre, apressa-te, os porcos ficam impacientes!

– Já vou, mãe! – respondeu o garoto, levantando-se de um salto e deixando os irmãos menores ainda deitados. Colocou o gibão de couro por cima de um grande camisão de sarja cinza e escondeu o resto dentro de umas calças que mal lhe cobriam o joelho. Passou a mão pelos longos cabelos loiros, desgrenhados, e, finalmente, amarrou as sandálias de couro.

Ao passar pela mesa, um dos poucos móveis da casa, foi colocando dentro do bernal o que encontrava: um pedaço de queijo de cabra, pão preto e um cantil com água. Na saída, pegou o cajado e foi buscar os porcos que estavam no cercado ao lado da casa, seguido pelo seu cão Chevalier, sempre com os pelos enlameados.

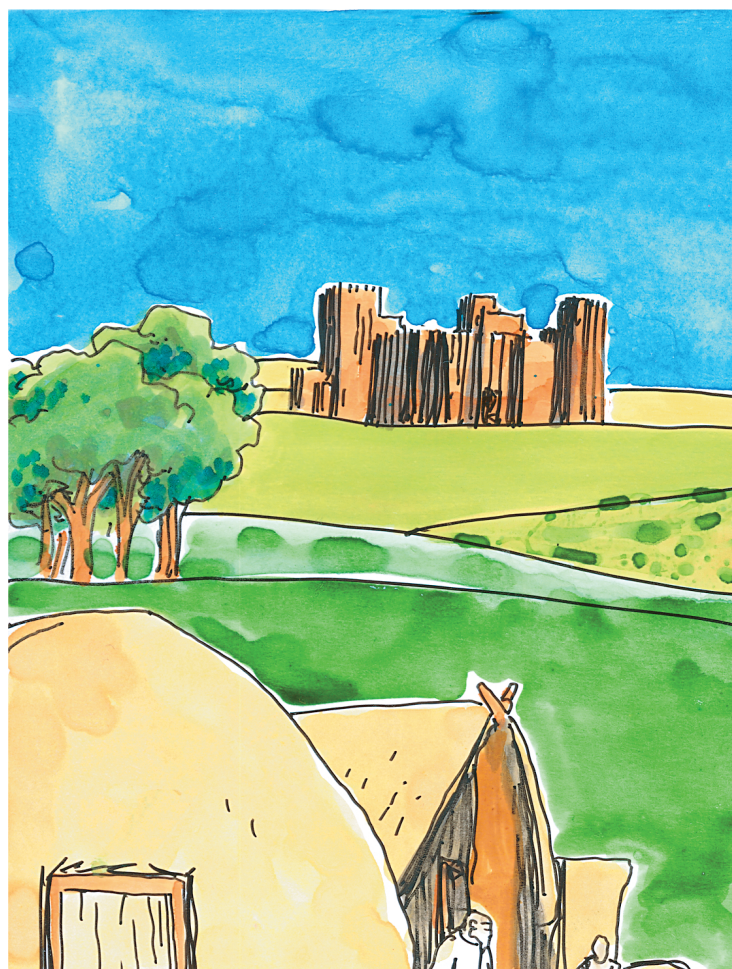
Pierre tinha treze anos e cuidar dos porcos era sua responsabilidade. O pai e seus dois irmãos maiores, Allain e Gontran, cultivavam a terra, que fora dada pelo marquês de Plessis de la Tremille. Em troca, a família tinha de prestar serviços ao nobre: cultivar a terra, trabalhar na

forja, na carpintaria... Além de entregar, toda semana, parte dos ovos e da produção de queijo feito com o bom leite das cabras da região; isso sem falar nas galinhas, nos patos e nos porcos, que tinham de ser entregues de quando em quando.

Era bem pouco o que sobrava para a família de Pierre, mas como o seu pai costumava dizer: “O marquês não nos açoita e nos protege da selvageria dos soldados que ficam vagando por aí entre um embate e outro...”

Da casa de Pierre, avistava-se a distância o castelo do marquês, flanqueado por duas altas torres onde guardas vigiavam, dia e noite, as estradas que conduziavam ao castelo. Do lado interno dos muros havia, na parte de cima, um caminho de madeira que, além de servir para a ronda, permitia que se atirassem baldes de azeite fervente sobre os assaltantes que se aventuravam vindos do pântano, onde se erguiam as muralhas do castelo.

Como se isso não bastasse, viam-se a intervalos regulares balestreiras, pequenas abertu-



ras que permitiam que a guarda atirasse projéteis sem correr o risco de ser atingida.

Do lado norte, um enorme fosso protegia suas inúmeras portas e janelas. Uma ponte levadiça de correntes azeitadas e bem reforçadas ligava a entrada principal do castelo com a pradaria.

Além do fosso, via-se o bosque, que também pertencia ao marquês, onde Pierre fazia pastar os porcos...

Pierre dirigiu-se ao bosque tocando os animais, ajudado por Chevalier. Quem sabe não encontraria Bernard?

Bernard era filho de Guillaume Arnac, o administrador que cuidava do castelo do marquês de Plessis e o representava na sua ausência, fato que ocorria diversas vezes.

A casa de Bernard ficava a meia légua além da de Pierre, na entrada principal da grande propriedade. Era um pavilhão de tijolos vermelhos, adornado com pedras azuis, parecendo, em sua solidez, a guardiã sempre vigilante dos domínios do nobre senhor.

Arrogante, Guillaume Arnac não escondia o orgulho de contar com a confiança do marquês. Era duro com os aldeões e mais ainda com os camponeses, exigindo o pagamento em dia das contribuições devidas ao castelo e ao rei, e cuidava com fiel interesse que ninguém enganasse o seu senhor.

Acreditava que, servindo a um grande senhor, poderia conseguir em breve mandar seu primogênito, Bernard, para a corte, onde aprenderia a manejar as armas para com o tempo se tornar um cavaleiro.

Era natural, portanto, que não visse com bons olhos a amizade entre seu filho e Pierre. Nascidos na mesma época, a mãe de Pierre havia sido a ama de leite de Bernard. Mais tarde, sua fama de excelente catadora de piochos a levava com frequência à casa do administrador, já que esses parasitas eram uma praga que assolava a todos. Nessas ocasiões, costumava levar Pierre consigo. Os dois meninos acostumaram-se a brincar juntos e tornaram-se amigos, para desgosto do pai de Bernard...

